AMBIENTE & EDUCAÇÃO
Revista de Educação Ambiental
E-ISSN 2238-5533

# A boniteza da práxis ambiental educativa de catadores e catadoras de material reciclável[1]

Claudia Cristina Mussolini[2]
Universidade São Francisco (USF)- Brasil
https://orcid.org/0009-0005-5968-1706

Sônia Aparecida Siquelli[3]
Universidade São Francisco (USF)- Brasil
https://orcid.org/0000-0002-8992-1898

**Resumo**: Este artigo objetiva analisar se a dimensão ética e estética estão presentes na prática profissional de catadores e catadoras de material reciclável, bem como em sua práxis educativa. A fundamentação teórica está ancorada no materialismo histórico-dialético e na visão humanista de Paulo Freire. Sob a indagação se este trabalho, forjado pela demanda do capitalismo, pode conter uma boniteza em sua prática cotidiana. Metodologicamente foi realizada uma revisão bibliográfica em pesquisas nas bases Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); e de artigos da plataforma Scientific Electronic Library Online (SCIELO), levantados quatorze trabalhos a partir das palavras-chave "ética", "estética", "catadores" e "educação". As buscas evidenciaram entre estas palavras-chave uma estreita ligação com o termo Educação Ambiental. Os resultados apontaram, uma vez aparecendo esta evidência, que no interior da prática do trabalho dos catadores e catadoras existe um movimento educador cunhado em uma ética que também é estética, forjando assim uma educação ambiental crítica.
**Palavras-chave:** Educação ambiental. Dimensão ética. Dimensão estética. Reciclagem.

## La estética en la ética laboral de los recolectores de materiales reciclables en la ciudad de São Paulo: una lección de educación ambiental.

[1] Recebido em: 15/12/2025. Aprovado em: 18/09/2026.
[2] Doutoranda em Educação pela Universidade São Francisco (USF). Mestre em Gerontologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Bacharel em Serviço Social pela Faculdade Metropolitana Unidas. Membro pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ética, Política e História da Educação Brasileira (GEPHEB). Contato: ccmussolini@gmail.com
[3] Doutora em Educação,pela Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, com pós-doutoramento em Educação, na linha de pesquisa História e Filosofia da Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco (USF). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ética, Política e História da Educação Brasileira (GEPHEB). Contato: soniapsiquelli@gmail.com

**Resumen:** Este artículo analiza la presencia de las dimensiones ética y estética en la práctica profesional de los recolectores de materiales reciclables, así como en su práctica educativa. El fundamento teórico se basa en el materialismo histórico-dialéctico y la visión humanista de Paulo Freire. La pregunta es si este trabajo, forjado por las exigencias del capitalismo, puede albergar belleza en su práctica cotidiana. Metodológicamente, se realizó una revisión bibliográfica utilizando el Catálogo de Tesis y Disertaciones de la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Nivel Superior (CAPES) y la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD); y artículos de la plataforma Biblioteca Científica Electrónica en Línea (SCIELO), recuperando catorce trabajos con las palabras clave "ética", "estética", "recolectores" y "educación". Las búsquedas revelaron una estrecha relación entre estas palabras clave y el término «Educación Ambiental». Los resultados indicaron, una vez que apareció esta evidencia, que dentro de las prácticas laborales de los recolectores de residuos existe un movimiento educativo arraigado en una ética también estética, forjando así una educación ambiental crítica.
**Palabras clave:** Educación ambiental. Dimensión ética. Dimensión estética. Reciclaje.

## Aesthetics in the ethics of educational work for recyclable material collectors: a content analysis.

**Abstract:** This article aims to analyze whether the ethical and aesthetic dimensions are present in the professional practice of recyclable material collectors, as well as in their educational praxis. The theoretical foundation is anchored in historical-dialectical materialism and the humanist vision of Paulo Freire. It questions whether this work, forged by the demands of capitalism, can contain beauty in its daily practice. Methodologically, a bibliographic review was conducted using research from the Catalog of Theses and Dissertations of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD); and articles from the Scientific Electronic Library Online (SCIELO) platform, retrieving fourteen works based on the keywords "ethics", "aesthetics", "waste pickers" and "education". The searches revealed a close link between these keywords and the term Environmental Education. The results indicated, once this evidence appeared, that within the work practices of waste pickers there is an educational movement rooted in an ethic that is also aesthetic, thus forging a critical environmental education.
**Keywords:** Environmental education. Ethical dimension. Aesthetic dimension. Recycling.

## INTRODUÇÃO

Já em tempos remotos, temos o início de uma dualidade que vai acompanhar o lixo e os dejetos da humanidade: o necessário afastamento, receio e rejeição, de um lado, e aceitação por sua utilidade, de outro. Aquilo que é descartável para alguém pode ter um valor de uso ou de troca para outro, uma ambiguidade que acompanha até hoje o conceito de lixo.

O ser humano se utilizou da catação por muito tempo para sobreviver, transformando a natureza em objetos com função e utilidade, ou seja, com valor de uso e, posteriormente, valor de troca para o autoconsumo. Essas trocas eram realizadas em diferentes escalas, conforme a organização e estrutura desenvolvida por cada sociedade. Mas é somente quando o lixo se configura como mercadoria, como um meio de acumulação capitalista, que passamos a identificar na história da humanidade um segmento específico da sociedade que o reutiliza para além do autoconsumo, este

momento histórico se inicia com a primeira revolução industrial e se intensifica com a globalização do capitalismo.

Durante o processo de industrialização, os resíduos sólidos urbanos (RSU), ganham um valor de troca por dinheiro e transformam-se em mercadoria no processo de mais valia do capitalismo. Para que os RSU sejam reaproveitados pelas indústrias eles são primeiramente escolhidos e separados pelos catadores e catadoras, que trabalham em situação precária e insalubre para conseguir um valor irrisório por ele frente ao tempo de trabalho socialmente necessário para sua separação, limpeza e transporte. A atividade da catação como um trabalho é um fenômeno inerente à sociedade capitalista, só existe na medida em que a produção e o consumo possuem força suficiente para gerar descarte em uma quantidade excessiva, que resulte em um grande volume de material para ser revendido e convertido em renda para os catadores, catadoras e suas famílias.

O trabalho de catador e catadora de materiais recicláveis intensificou-se no capitalismo industrial, em meados do século XVIII na Europa e no século XX no Brasil, com um incremento notável na produção de embalagens e o crescimento dos níveis de consumo de bens descartáveis, aumentando substancialmente a quantidade de resíduos nos centros urbanos, o que passa a se tornar um problema – configuram-se, nesse contexto, as condições para o surgimento do "mercado do lixo" (Castro, 2017).

Dentro do mercado do lixo, o catador é o elo mais frágil, pois está inserido no que Marx (2023)[4] chama de "exército industrial de reserva", ou seja, uma massa de trabalhadores desempregados que a indústria e os serviços não absorvem como mão de obra e, dessa forma, são manipuláveis nas mãos do capital, que determina o valor de seus salários. Quanto maior a demanda de trabalhadores, menores os salários, principalmente quando nos referimos a populações marginalizadas. Configura-se uma situação cíclica e intrínseca ao capitalismo, "como se ele o tivesse criado por sua própria conta" (Marx, 2023, p. 707).

O materialismo histórico é uma teoria sociológica e método de análise desenvolvido por Karl Marx e Friedrich Engels no século XIX. Ele postula que a base de toda organização social e histórica reside na economia e na produção material,

[4] A presente tradução tem como base a quarta edição alemã, editada por Engels e publicada em Hamburgo, em 1890. Por se basear na edição alemã, a numeração de capítulos difere das edições de "O capital" que seguem a publicação francesa (Marx, 2023, p. 12 - Nota de edição).

estabelecendo que a vida material determina a consciência e a condição humana. A abordagem defende que a base material e econômica da sociedade é o motor da história, determinando as estruturas políticas, jurídicas e ideológicas. Em "O Capital" (2023), o materialismo histórico não é apresentado como uma fórmula abstrata, mas como o método de investigação aplicado para desvelar a sociedade capitalista. Marx demonstra que as relações sociais, jurídicas e políticas derivam da base material da produção, onde a história é movida pela luta entre a classe que possui os meios de produção (burguesia) e os trabalhadores (proletariado).

Sendo assim, esta pesquisa foi desenvolvida baseada no materialismo histórico-dialético; nas obras de Karl Marx e seus intérpretes; e nas de Paulo Freire, na perspectiva da categoria "boniteza"[5]. O conceito da união inseparável da estética e da ética na educação, adotado para esta análise, advém do conceito de boniteza em Freire, especialmente construído em "Pedagogia da Autonomia" (Freire, 2013), em "À sombra desta mangueira" (Freire, 2021) e, principalmente no livro "Boniteza: a palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire", organizado por Ana Maria Araújo Freire (2021). Trata-se de uma categoria que se transformou ao longo do tempo em uma teoria epistemológica, relata Araújo Freire (2021). A boniteza possui uma dimensão político-ético-estética e amorosa, que possibilitou a Freire ressignificar poeticamente a palavra para além da superficialidade da beleza capitalista, porque tem como gênese um mundo mais justo e igualitário (Araújo Freire, 2021), inclusive para os catadores e as catadoras de materiais recicláveis, retratados(as) como sinônimos de sujeira e feiura.

A abordagem metodológica desta pesquisa foi de natureza mapeadora, bibliométrica e analítica com o objetivo de conhecer quais pesquisas/autores abordam a dimensão ética e estética na educação e analisar se o trabalho de catadores e catadoras, pode conter uma boniteza em sua prática cotidiana respondendo à pergunta de pesquisa: É possível no trabalho realizado pelos catadores e catadoras, forjado pela demanda do capitalismo, conter uma boniteza em sua prática cotidiana? A revisão bibliográfica foi

[5] O termo boniteza, cunhado por Freire aparece várias vezes na obra Pedagogia da Autonomia (2013) como por ex. na pág. 92: "A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético; "Não há nesta boniteza lugar para a negação da decência" ou na pág. 139: " Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria" ou "A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, no dever de brigar [...] contra qualquer discriminação" (p. 59). O termo boniteza também aparece no livro "À sombra desta mangueira" nos dizeres: "Paulo tinha decidido, conscientemente, que entre a regra culta e a boniteza estética, ficava com esta" (p. 13)

realizada a partir do levantamento de teses e dissertações do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); e de artigos da plataforma Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Também foi realizada uma análise interpretativa sobre os textos/livros sobre a atuação ética e estética inserida na práxis educativa.

As palavras-chave utilizadas para a revisão bibliográfica foram "catador", "ética", "estética" e "educação". Como metodologia de análise foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2016), condição para auxiliar na resposta ao objetivo proposto: analisar se a atuação ética e estética estão presentes na prática profissional de catadores e catadoras de material reciclável inclusive, em sua práxis educativa. Consideramos a hipótese de que a prática profissional, vinculada a uma práxis educativa, dos catadores e das catadoras de material reciclável possui uma estética vinculada a uma ética – "Decência e boniteza de mãos dadas" (Freire, 2013, p. 34).

Importante ressaltar que, antes da construção do *corpus* de análise com as palavras chaves selecionadas, encontramos na literatura sobre catadores e catadoras a maior parte das pesquisas enfocando a temática da precariedade e da insalubridade deste trabalho (Coelho; Beck; Fernandes; Machado; Camponogara, 2016; Coelho; Beck; Fernandes; Prestes; Silva, 2016; Juncá, 2004, Arantes e Borges, 2013) e das formas de organização e resistência (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [IPEA], 2013; Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis [MNCR], 2014; Pimp My Carroça, 2025). Assim sendo, o foco dado neste artigo priorizará a temática da dimensão ética e estética na práxis educativa do catador e da catadora.

Os catadores e as catadoras de material reciclável da cidade de São Paulo, sujeitos de análise deste artigo, participam ativamente da Organização da Sociedade Civil (OSC) *Pimp my Carroça*, que reforma suas carroças e carrinhos, desde sua estrutura e funcionalidade até sua estética, por meio de imagens e frases de protesto, desenhadas e grafitadas. Os catadores e as catadoras também realizam incidência política engajada nessa organização ao participarem de congressos, conferências municipais e federais. Além disso, no projeto *Pimp Educa*, um dos "braços" do *Pimp my Carroça*, os catadores e as catadoras visitam estabelecimentos comerciais como padarias e restaurantes, com o objetivo de ensinar os funcionários a reciclar os resíduos de forma segura e correta para que a coleta seletiva seja feita de forma a beneficiar a

empresa e os catadores. Também são realizadas dinâmicas in loco com funcionários(as) de empresas para que eles(as) sintam "na pele" as dificuldades enfrentadas cotidianamente por esses trabalhadores e suas formas de organização e triagem. O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) estima que são milhares de pessoas que trabalham direta ou indiretamente com a catação no Brasil, com o objetivo de garantir um mínimo de sustento para suas famílias ou como uma renda extra no final do mês, apontando a relevância deste projeto no que tange a busca pela igualdade social.

## COLETA, CONSUMO E EDUCAÇÃO

Antes do século XXI, a atividade de catar lixo era associada à mendicância de artigos para uso pessoal e familiar (valor de uso), como roupas, calçados e restos de alimentos (Castro, 2017). Após o capitalismo industrial, o objetivo principal da catação passa a ser a geração de renda, pois o que era considerado mercadoria de uso descartada transformou-se em mercadoria de troca, porém sem a mesma "régua de equivalência" da fase pré-capitalista. Assim, essa mercadoria, ao ser coletada, lavada e separada, ganhou um valor de troca por dinheiro, mas o valor dado a ela é irrisório, perto do tempo de trabalho socialmente usado para a coleta, ou seja, existe o uso da exploração do trabalho da catação para a obtenção de lucro – e, agora, os trabalhadores estão inseridos no processo de produção da mais valia, pois a exploração sobremaneira da natureza só é possível com a exploração sobremaneira de uma de suas forças: a força de trabalho (Marx, 2023).

A reutilização de detritos pode se configurar como um meio de acumulação capitalista, a genuína prática da catação começa a tomar outras formas e sentidos. A atividade de catação deixa de ser uma atividade baseada unicamente em seu valor de uso para ser também geradora de valor (Castro, 2018, p. 63).

Isso transforma a repulsa e o afastamento histórico do lixo em aproximação e apropriação dos resíduos sólidos urbanos como matéria-prima para a produção de nova mercadoria, estimulando o crescimento do consumo em nível mundial em uma velocidade sem precedentes. Esse modo de vida é cada vez mais influenciado pela aquisição de produtos, principalmente tecnológicos, que possuem uma vida breve de funcionamento, uma obsolescência programada, justamente para serem substituídos por outros, cada vez mais frágeis e perecíveis. Os produtos são, portanto, fabricados para

não durar, perdem seu valor comercial e rapidamente são descartados. Por vezes, é mais fácil comprar outro do que consertar, devido ao preço do conserto e/ou à espera dos materiais para o reparo.

Metais, papéis, alimentos, vidros, roupas, livros, brinquedos – um imenso rol de produtos gerados pelo homem tem o fim de seu ciclo de vida decretado, ao supostamente perder seu valor de uso e/ou de troca. Finda-se sua utilidade e/ou sua atratividade econômica, como anúncio do que deve ser evitado e, consequentemente, descartado (Juncá, 2004).

O ciclo de descarte (reciclagem – produção – descarte) é característica do capitalismo que funciona em uma cadeia incessante de produção em grande escala, criando necessidades artificiais em forma de produtos supérfluos à sobrevivência humana. Necessidades das quais nós, os próprios consumidores, muitas vezes não estamos conscientes, pois vivemos alienados do que realmente importa consumir, de quem são os trabalhadores que produzem aquela mercadoria e das condições em que eles estão vivendo para produzi-la. A fabricação da mercadoria por meio da produção em linha de montagem e da separação do trabalho pela especialização de tarefas intensificou a alienação do trabalhador, que desde o início do capitalismo industrial já não se reconhece na mercadoria produzida por ele. A mercadoria final é quase um "ente fantasmagórico" para o trabalhador, como afirma Marx (2023).

Esse "feitiço" da mercadoria, ou o caráter fetichista da mercadoria – seja ela um celular, seja uma obra de arte –, oculta as características sociais do processo de trabalho envolvido em sua criação (Marx, 2023). Existe uma relação entre objetos, e não mais entre objetos e homem – dessa forma perde-se o valor da mercadoria, pois o valor é uma relação social estabelecida entre pessoas, não entre coisas, como alerta Marx.

O humano é identificado como cliente desde a mais tenra idade, e não como cidadão. Segundo Krenak (2020, p. 24) "o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania", o cidadão foi reduzido a mero cliente, que no mercado deve ser bajulado, procurado, enfeitiçado, até virar um tolo. Por vezes, isso caracteriza a alienação do "ter" como "ser", promovendo uma comodidade em estar alienado e não em estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, o que levaria a viver frustrações e decepções de forma plena, viver as faltas, os vazios, sem querer escondê-los ou substituí-los com coisas compradas ou adquiridas.

A distinção entre aparência e essência torna-se fundamental para a compreensão do que é tido como bom e belo para a sociedade capitalista, que na verdade é esvaziada de sentido ético e estético. Isso representa um exercício difícil para o consumidor, uma vez que este se encontra o tempo todo sendo bombardeado com novas soluções para problemas que nem existem, problemas que foram criados pelo próprio capitalismo, junto com sua solução, uma estratégia mercadológica que vem trazendo frustração e angústia aos seres humanos.

> O capitalismo é um gerador de escassez: enquanto aumenta o volume de brinquedos tecnológicos nas lojas, escasseiam o rio limpo para nadar ou pescar, o quintal com as suas árvores, o ar limpo, a água limpa, a rua para brincar ou passear, a fruta comida sem medo de química, o tempo disponível, o espaço de socialização informal. O capitalismo tem necessidade de substituir felicidades gratuitas por felicidades vendidas ou compradas (Freire, 2021, p.21).

Na lógica capitalista, o produto tem que ser vendável, ou seja, não necessariamente útil ao consumo humano, deve apresentar um valor de *status* social, de poder, de superioridade, de beleza imposta e padronizada. Quando o produto perde sua utilidade ou deixa de ser valorizado, outro semelhante, mais atrativo, quase "divino", inalcançável (fetichismo da mercadoria), chama a atenção dos consumidores – aquele é, portanto, descartado e perde seu valor de uso e de troca.

Entretanto, no trabalho dos catadores e das catadoras, essa mercadoria continua possuindo um valor de troca e, por vezes, de uso, quando a mercadoria ainda possui propriedades úteis, como roupas, perfumes, flores, vasos, potes – itens já mencionados por catadoras como objetos que são por elas reutilizados. "Os sapatos jogados nas lixeiras em condições de uso são reutilizados. Colheres, garfos, copos, canecas, panelas podem se transformar no nada que vira um tudo" (Barboza; Zanella, 2014, p. 60). Não resta dúvidas de que uma parte desse material descartado ainda pode preservar uma atratividade econômica, pode ser reaproveitado e reinserido em uma cadeia produtiva, em que os catadores e as catadoras estão "na linha de frente", sofrendo as consequências desse trabalho que sustenta o capitalismo, pois, para transformar algo descartável em nova mercadoria, os resíduos sólidos urbanos passam por várias fases – a catação é a primeira delas, a mais difícil e a menos valorizada.

Se no topo da cadeia produtiva da reciclagem encontram-se os grandes conglomerados industriais, em sua base estão os catadores e as catadoras de material reciclável, que sofrem diariamente com as consequências da crise climática (calor

excessivo, enchentes, moradias insalubres) e que, contraditoriamente, são aqueles(as) que atuam como protagonistas da educação ambiental crítica e popular, uma educação que vai além das instituições educacionais e da mera conscientização – visa ao engajamento em ações transformadoras éticas e estéticas: "a necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética" (Freire, 2013, p. 34).

A perspectiva estética, sendo uma característica humana, ultrapassa os muros da escola, pois é uma educação política que prevê uma mudança social, visto que a indignação e as percepções de injustiça, de exclusão e silenciamento buscam mudanças para uma sociedade ética e, por natureza, bela. Nesse sentido, a visão oposta da educação libertadora é a feiura, expressa pelos sentimentos de tristeza, indiferença e manutenção de preconceitos – e por isso é antiética (Cabral, 2022). A feiura, na sociedade contemporânea, expressa-se desde a ausência do respeito aos conhecimentos populares, no sentimento de não pertencimento dos catadores nas instituições educacionais, até no desenvolvimento de materiais tecnicistas para as escolas, como as apostilas – iguais, padronizadas e sem cores – que os alunos recebem como fonte de informação.

A escola "boa" e "bela" – vocábulos de origem latina que possuem raiz em comum com a boniteza freiriana – vai além da beleza, acolhe as diferenças como um princípio ético, contrapõe-se às desigualdades, preocupa-se com a educação laica, pública e de qualidade como um direito de toda criança e de todo adolescente.

## A CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Segundo Morosini (2015), o *corpus* de análise pode ser constituído a partir de: livros, que a autora considera como produções amadurecidas; teses e dissertações reconhecidas pelos órgãos de avaliação da produção nacional; e banco de todas as teses e dissertações produzidas no País com reconhecimento do governo. O *corpus* de análise pode ser constituído também por textos advindos de eventos da área da educação, que congregam o novo, o emergente e, na maioria das vezes, refletem o pensamento contemporâneo da comunidade acadêmica.

Sob a perspectiva de análise de Bardin (2016), é na primeira fase da análise de conteúdo que acontece o momento da organização do material sobre o qual o pesquisador irá sistematizar as ideias preliminares, é o momento de se deixar invadir

pelas intuições e impressões por meio de uma leitura "flutuante", de onde surgirão as primeiras hipóteses e os primeiros indicadores. Esse contato inicial deve ser realizado à exaustão para permitir ao pesquisador diferenciar os materiais relevantes e pertinentes a serem utilizados daqueles que pouco agregam à pesquisa ou que, por semelhança com as categorias de busca, podem suscitar distorções como "catadora de palavras" ou "escrita estética", encontradas na leitura dos textos. Após a demarcação do universo a ser pesquisado, ou seja, o gênero de documentos sobre os quais se pode efetuar a análise, o *corpus* da pesquisa é construído por meio de um movimento rigoroso de escolhas, seleções e regras.

Assim, após a pré-análise foi impresso todo o material do *corpus* da pesquisa, e na leitura foram feitos destaques, com canetas de diferentes cores, de frases ou palavras que possuíam congruências e sinônimos com os eixos temáticos: "ética", "estética", "educação" e "catadores". Como sinaliza Bardin (2016), a exploração do material não deve ser feita de maneira aleatória ou descompromissada com a teoria, no modo "vamos ver no que dá", por isso, o tratamento do material coletado deve ser codificado e categorizado. A criação das categorias ou da categorização "[...] é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia) com critérios previamente definidos" (Bardin, 2016, p. 147).

Dessa forma, foi construída uma tabela com as frases, os termos e as palavras que apresentaram conexões entre as categorias de busca. O critério de categorização, ou seja, a passagem de dados brutos para dados organizados, foi realizado por agrupamento semântico (categorias temáticas) e por agrupamento léxico, que consiste na classificação das palavras segundo seu sentido, com emparelhamento dos seus sinônimos e dos sentidos próximos (Bardin, 2016). Dessa forma, foram realizadas leitura do *corpus* e separação das principais palavras e frases contidas nesse conteúdo, que se mostraram relevantes e pertinentes frente às palavras-chave. Ao buscarmos todas as palavras ao mesmo tempo – "ética", "estética", "educação" e "catadores" – na BDTD, houve apenas uma dissertação encontrada: Trabalhadores do lixo: o relato de uma pedagogia da desordem (Cabral, 2001); e na CAPES apenas um trabalho sobre "catadores de histórias", que foi excluído do *corpus* por não se encaixar na temática desta pesquisa.

Somente quando acrescentamos o termo “ambiental” à palavra-chave “educação”, associada com “ética” e “estética”, é que encontramos, no recorte temporal de 2009 a 2024, uma tese, quatro dissertações e nove artigos relevantes a esta pesquisa, uma vez que, nesse levantamento, o que se destacou foi a repetição da área de Educação Ambiental, como área de atuação em que se encaixa o trabalho dos catadores e das catadoras. Dois livros também foram incorporados no corpus de análise por se tratar de obras clássicas sobre educação ética e estética. Os critérios de inclusão foram teses, dissertações e artigos que possuíam no título ou no resumo, duas ou mais das palavras-chaves citadas. O ano de 2009 foi escolhido como início deste recorte temporal por se tratar de um ano onde uma dissertação e um artigo de grande aproximação com o tema desta pesquisa foram publicados sendo eles: TAVARES, Claudia Moraes Silveira. A estética na (re)significação de valores éticos do(a) educador(a) ambiental. 2009, que gerou um artigo também relevante a este tema: TAVARES, Claudia Moraes Silveira; BRANDÃO, Claudia Mariza Mattos; SCHMIDT, Elisabeth Brandão. Estética e Educação Ambiental no Paradigma da Complexidade. *Pesquisa em Educação Ambiental*, Rio Grande, v. 4, n. 1, p. 177-193, 2009. Desta forma, segue abaixo o Quadro 1, que demonstra a categorização e codificação do material de análise.

Quadro 1: Categorização e codificação do material de análise.

| Palavra-chave | Categorização por conteúdo |
|---|---|

| | |
|---|---|
| ÉTICA | • Os valores ético-estéticos complementam-se (Tavares, 2009)<br>• Fusão da ética e da estética (Tavares, 2009)<br>• O princípio da solidariedade como dimensão ética (Cabral, 2001)<br>• Ressignificação dos valores éticos do(a) educador(a) ambiental (Tavares, 2009)<br>• Fusão da ética e da estética. A (re)significação dos valores éticos do(a) educador(a) ambiental (Tavares, 2009)<br>• Nova postura ética dos seres humanos (Pansera-de-Araújo *et al*., 2015)<br>• Nova postura ética ante o meio ambiente (Pansera-de-Araújo *et al*., 2015)<br>• Transformações dos valores éticos e estéticos modificam atitudes e comportamentos nas relações dos sujeitos com o meio ambiente (Tavares; Brandão; Schmidt, 2009)<br>• Ética da essência (Marin, 2007)<br>• Dimensão ético-afetiva (Barboza, 2018)<br>• Atitudes éticas de acolhimento (Romão, 2018)<br>• Concepção de um ser ético e participativo (Silva; Marcomin, 2020)<br>• A palavra "boniteza" na leitura de mundo de Paulo Freire apresenta a dimensão político-ético-estética e amorosa de sua filosofia (Araújo Freire, 2021)<br>• Ética Ambiental (Oliveira, 2021)<br>• A ética então é assumir uma postura, optar por um lado, por uma classe (Canabarro; Oliveira; Silva, 2009) |
| ESTÉTICA | • Percepção das questões estéticas (Tavares, 2009)<br>• Valores ético-estéticos (Tavares, 2009)<br>• O princípio do prazer e da emoção compartilhada pela dimensão da estética (Cabral, 2001)<br>• Proposta social estética (Marques; Senna, 2013)<br>• Aproximação entre estética e educação ambiental (Tavares; Brandão; Schmidt, 2009)<br>• Sensibilidade estética (Marin, 2007)<br>• Descortinar a estética educativa (Hoyuelos, 2020)<br>• A escola é um âmbito estético habitável (Hoyuelos, 2020)<br>• Estética por sua capacidade de revelar o essencial. A experiência estética é uma experiência de liberdade. Descortinar a estética educativa (Hoyuelos, 2020)<br>• A necessidade estética é uma importante dimensão humana (Marin, 2007)<br>• Transformações de ordem ética e política podem ser promovidas pela criação estética e artística (Marques; Senna, 2013)<br>• Educar implica desenvolver as capacidades narrativas da sedução estética (Hoyuelos, 2020) |

| | |
|---|---|
| EDUCAÇÃO | • Educadores ambientais diferenciados (Tavares, 2009)<br>• Ressignificar a educação ambiental sob o ponto de vista de valores éticos e estéticos (Tavares, 2009)<br>• Educação Ambiental crítica e transformadora (Tavares, 2009)<br>• Múltiplas abordagens da Educação Ambiental (Pansera-de-Araújo *et al*., 2015)<br>• Projetos relacionados à Educação Ambiental (Pansera-de-Araújo *et al*., 2015)<br>• A importância da Educação Ambiental para a transformação social (Pansera-de-Araújo et al., 2015)<br>• Ações educativas críticas, transformadoras e emancipadoras em Educação Ambiental (Marcomim, 2020)<br>• Reconhecer o catador ou catadora como o que ele/a já é: especialista em educação ambiental (Pimp my carroça, 2023).<br>• Enquanto o catador ou catadora compartilha seu conhecimento, a nova geração aprende (Pimp my carroça, 2023).<br>• Catadores de materiais recicláveis, são agentes ativos da educação ambiental. (Pimp My Carroça, 2023) |
| SENSAÇÃO SENSÍVEL | • A educação do sensível (Tavares, 2009)<br>• Educação que privilegie a sensibilidade (Tavares, 2009)<br>• Desenvolvimento de uma razão sensível (Tavares, 2009)<br>• Compreensão sensível dos valores culturais e sociais (Tavares; Brandão; Schmidt, 2009)<br>• É preciso ressensibilizar o humano (Marin, 2007)<br>• Dialogarmos sobre os valores éticos que, por sua vez, implicam nos estéticos, na forma como nos relacionamos com o mundo por meio dos sentidos (Tavares; Brandão; Schmidt, 2009)<br>• Atividade humana sensível (Canabarro; Oliveira; Silva, 2009) |

Fonte: elaborado pelas autoras

## O QUE MOSTRAM AS PESQUISAS?

Ao acrescentarmos a palavra “ambiental” à categoria “educação”, percebemos a conexão teórica, histórica e epistemológica dessa práxis com a ética e a estética, o que demonstra uma preocupação crescente com os valores que deveriam sustentar o equilíbrio entre natureza e ser humano, mas que estão sendo negligenciados devido à ação predatória do ambiente natural, iniciada com a industrialização e intensificada no século XXI com a sociedade do consumo.

Outra categoria que apareceu durante a análise de conteúdo do referido material foi a representada por “sensível” e “sensação”, palavras/conceitos que saltaram desse material coletado e por esse motivo serão exploradas, visto a quantidade de vezes que se desvelaram nesta análise. Ao realizar o aprofundamento no tema – e na descoberta de

novas categorias –, “abandonam-se algumas ideias, acrescentam-se novas, reformulam-se outras, para que o pensamento se torne mais consistente e claro” (Severino, 2016, p. 143). Esse pensamento demonstra que a pesquisa não é linear nem estática, ela é provisória. Sendo assim, a categoria “educação sensível” ou “educação para a sensibilidade” foi considerada na análise.

Sato (2001) pontua que existe uma preocupação com a visão errônea sobre “sensibilização”, muitas vezes adotada como ações pontuais, relacionadas à educação ambiental conservadora e acrítica, como abraçar árvores ou promover oficinas de reciclagem de plástico e papel, sem nenhum questionamento sobre os modelos de consumo vivenciados pelas sociedades ou análise do modo de relação de dominação do ser humano sobre a natureza, com alto valor antropocêntrico. Torna-se, portanto, necessário o exercício da sensibilidade com base em um processo educativo que possibilite, por meio da valorização, do reconhecimento, da transformação e da responsabilidade, uma relação ética, estética e consciente das pessoas com a educação ambiental, envolvendo o sujeito de forma recíproca e respeitosa com a natureza e não desenvolvendo uma sustentabilidade enganosa.

Uma educação sensível, entende que a estética a qual nos referimos, vai além do equilíbrio entre forma e conteúdo, nos remete a uma ideia de uma educação que permite me sensibilizar, o que muitas vezes é compreendido como uma educação puramente para e da beleza, do belo, do harmonioso, entretanto, aquilo que se defende como uma educação estética é necessariamente uma educação de construção de sentidos, é a educação sensível. A palavra sensível pode ser compreendida em três dimensões: é sensível porque me chega através dos sentidos, então para eu ser sensível à realidade eu preciso ver, ouvir, sentir, eu preciso acessar o mundo. Uma maneira de eu me tornar mais sensível à realidade é eu me expor, entrar em contato, o que eu não conheço eu não tenho como ser sensível a isso. A segunda compreensão da palavra sensível, é o que me toca, o que me afeta, é a sensibilidade enquanto afeto. A terceira dimensão do sensível é o sentido como direção, qual a direção que eu dou para a minha ação, em qual direção eu pretendo orientar a minha prática pedagógica, no sentido de entender que a minha ação docente gera uma contribuição para a transformação da realidade (Ferreira, 2014).

Então uma educação estética presa por estas três dimensões do sentido, do que é percebido por nós enquanto emoção. Eu preciso expor o sujeito à realidade, eu preciso fazer com que esta exposição gere um sentimento, uma emoção e propor uma reflexão

que o leve a tomar uma posição, um direcionamento ético-político. Agora quando a educação anestesia, aliena, nós só reproduzimos comandos como se a nossa utilidade produtora fosse definidora da nossa humanidade. Neste contexto, a utilidade da escola seria única e exclusivamente nos tornar bons profissionais, muito produtivos, muito atentos às demandas de mercado (Ferreira, 2014). Quando a educação não é sensível nós podemos enxergar os catadores como nossos empregados, como lixeiros do mundo.

As palavras-chave, "ética e estética" aparecem com grande frequência no material analisado. Este fenômeno ocorre porque a estética, a ética e a sensibilidade estão presentes no interior da prática profissional dos catadores e catadoras onde ocorre um movimento educador de contestação, uma transgressão ao sistema capitalista que obriga essas pessoas a viver na feiura e na opressão. Há uma estética, uma boniteza na contestação bem fundamentada, pois o direito à contestação não se reduz simplesmente em reclamar: isso porque há uma ética entre as pessoas que permite entender o outro, sem olhar isoladamente para si e seus problemas (Araújo Freire 2021). Segundo Hoyuelos (2020) "A estética se move nas águas da transgressão". Esta é sua ética: "um bom modo de calibrar a valência estética de uma obra, consiste em advertir a capacidade que a obra tem de subverter e perverter, por sua presença, os próprios postulados" (Trias, 1997, p. 213 *apud* Hoyuelos, 2020, p. 31).

A boniteza das carroças e do trabalho socioambiental desenvolvido por esses trabalhadores com o apoio da OSC *Pimp my Carroça* é uma forma de transgressão diária frente todas as fragilidades e vulnerabilidades sociais que esses catadores e essas catadoras sofrem cotidianamente, inclusive adversidades climáticas que dificultam ainda mais o seu trabalho.

A malvadez da "ética do mercado" impõe um afastamento do ser humano de uma ética universal como vocação ontológica, sem moralismos hipócritas, em que o ser humano consciente no mundo intervém e transforma a natureza, mas não a destrói (Freire, 2013). Esse fato leva-nos a refletir sobre a necessidade do ser humano repensar sua relação com o ambiente natural e os valores que o permeiam, sendo "a necessidade estética uma importante dimensão humana que, ao ser estimulada pela educação, pode despertar a eticidade" (Marin, 2007, p. 01). Essa premissa inclui tanto a natureza quanto as relações sociais e os espaços onde acontece a construção do conhecimento, seja na escola, seja fora dela. A boniteza da educação, segundo Freire (1995, 2013), é considerada a união da ética e da estética em um contexto em que a atuação política

emancipatória está presente. A educação só possui boniteza quando a escola, seus funcionários, professores, família, alunos e comunidade a tratam com decência, ética e estética (Araújo Freire, 2021). Só quando respeitamos a "coisa pública" (carteiras, portas, paredes, jardins) é que podemos falar de princípios e valores, pois o ético está muito ligado ao estético (Araújo Freire, 2021). Ao refletir sobre o papel do educador e da construção do conhecimento, Freire (2013) declara que faz parte da natureza da prática educativa a esteticidade, ou seja, a qualidade de ser estética, de não ser alheia à boniteza, pois a ética anda constantemente muito perto da estética, porque há uma certa intimidade entre a beleza e a pureza. Sato (1997) relata que a educação ambiental deve envolver a comunidade, a gestão e os alunos em estratégias que estimulem momentos de discussão sobre a manutenção, a conservação e a limpeza da escola como sensibilização na construção de um ambiente mais agradável e justo para se viver. Como exemplo, Sato (1997) relata que, por meio do debate sobre a reforma da escola, materiais degradados e limpeza das paredes, os professores observaram a diminuição de vandalismo na escola e maior envolvimento dos alunos em atividades como mutirões de limpeza, construção de composteiras e de materiais escolares reciclados.

O ambiente, seja natural, seja transformado pelo homem, merece respeito, pois o ser humano se transforma ao transformar a natureza, o humano transforma os recursos naturais para a satisfação das suas necessidades e se transforma constituindo a si mesmo em ser social e histórico, segundo Marx (2023). Assim, a natureza não é algo descartável ou "menor" nessa relação, mas um dos elementos do processo dialético do trabalho, que impulsiona a transformação do homem de um ser biológico para um ser social. Quando o homem passou a ser dominado pelas forças do trabalho, ou quando o modo de produção capitalista desapropriou o ser humano da terra e de seus meios de produção, apagou sua criatividade, seu desejo, sua arte e sua essência, já que a partir dali seu trabalho virou uma mercadoria a ser vendida.

Indo na contramão desse processo de expropriação da autonomia dos trabalhadores, a OSC Pimp my Carroça, por meio da sua atuação artivista[6] e educadora, realiza a repaginação ou pimpagem (como gostam de definir seus grafiteiros) das

[6] O artivismo desempenha um papel fundamental para elevar a autoestima das catadoras e dos catadores de materiais recicláveis no Brasil. A carroça pimpada transforma-se em plataforma que passa a expressar suas vivências e perspectivas. Por meio da arte, eles e elas têm a oportunidade de contar suas histórias, reivindicar sua identidade e compartilhar suas lutas de maneira poderosa e visualmente cativante (Pimp my Carroça, 2025).

carroças de catadores e catadoras de materiais recicláveis da cidade de São Paulo, utilizando a dimensão estética como forma de provocar uma reflexão ética na população sobre o processo de reciclagem; o perfil racial e de gênero desses e dessas trabalhadores(as), que é majoritariamente negro e feminino (MNCR, 2014); a exploração da natureza e a precariedade do trabalho que realizam de forma invisibilizada.

Frases grafitadas nas carroças – como: "Mulher de luta", "Se eu pudesse reciclaria todos os políticos", "O peso que eu levo nas costas é o que eu tiro do planeta", "Reciclagem tem cor e gênero", "Catar boas ideias dentro de você" – constituem uma estética que pressupõe uma ética de assumir a identidade de catador e catadora, ou seja, "[...] assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos" (Freire, 2013, p. 42). As frases e os desenhos grafitados nas carroças tornam-se instrumentos de práticas educativas problematizadoras, pois dialogam com a população no sentido de estimular as pessoas, como diz Freire (1994), a "pensar certo", ou seja, a comprometer-se com a luta por um mundo mais justo, liberto e igualitário por meio da educação (Mussolini, Siquelli, 2025).

As imagens das carroças grafitadas, demonstradas abaixo, fazem parte do *corpus* de análise já que representam visualmente a presença da ética, da estética e da educação ambiental encontradas nos textos analisados. Trazemos aqui a união destas categorias materializadas na concretude das carroças.

A Figura 1 apresenta uma frase grafitada na parte de trás de uma carroça e a colocação do adesivo da OSC Pimp My Carroça. A Figura 2 mostra outra carroça que recebeu uma pintura artivista. Na Figura 3, temos outra carroça grafitada. Já a Figura 4 exibe a arte de uma placa que será colocada na carroça. A Figura 5, por sua vez, mostra uma carroça grafitada em 2026.

Figura 1: Carroça grafitada




Fonte: Pimp my Carroça (2025)

Figura 2: Carroça grafitada 2




Fonte: Pimp my Carroça (2025)

Figura 3: Carroça grafitada 3




Fonte: Pimp my Carroça (2025)

Figura 4: Placa para carroça




Fonte: Pimp my Carroça (2025)

Figura 5: Carroça pimpada em 2026




Fonte: Pimp my Carroça (2026)

## ÉTICA E ESTÉTICA NA PRÁXIS EDUCATIVA AMBIENTAL DOS CATADORES E CATADORAS

Partindo do pressuposto de que catadores e catadoras são exímios(as) conhecedores(as) do processo de reciclagem, para o Pimp Educa – um dos projetos da OSC Pimp my Carroça – faz todo sentido que esses(as) trabalhadores(as) estejam presentes também em escolas, universidades e quaisquer outros espaços educativos que discutam temas que fundamentam a educação ambiental e a crise climática, inclusive questões que os(as) próprios(as) catadores(as) relatam em seu cotidiano, como o calor excessivo, a desidratação durante o trabalho, o racismo ambiental, entre outras, pois "ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo" (Freire, 2013, p. 35).

A Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental, em seu Art. 2 declara que: "A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal" (BRASIL, 2000). Ao declarar sobre o caráter não formal da educação

ambiental, a lei abre espaço para que formas de aprendizagens e trocas de conhecimentos possam ocorrer fora do sistema formal e institucional de ensino onde existe a predominância de conteúdos pré-determinados. Na educação não formal a aprendizagem ocorre de maneira espontânea, com maior liberdade de escolhas pelos temas e assuntos, o que proporciona uma forma de troca de conhecimentos mais fluida e orgânica.

Segundo Gohn (2006), "a educação não-formal é aquela que se aprende no mundo da vida cotidiana, através do compartilhamento de experiências e saberes, principalmente em ambientes com ações coletivas" (Gohn, 2006, p. 2). Desta forma, ao realizar encontros em espaços como padarias, restaurantes e praças, com o objetivo de esclarecer sobre o processo de reciclagem, bem como contar sua história de vida e de trabalho, catadores e catadoras de materiais recicláveis, são agentes ativos da educação ambiental. (Pimp My Carroça, 2023).

A definição desta práxis educativa é alvo, até hoje, de disputas ideológicas e políticas, sendo por vezes já denominada como: Humanista, Conservacionista, Sistêmica, Problematizadora, Naturalista, Científica, Moral, Biorregionalista, da Sustentabilidade, Crítica, Etnográfica, Feminista, entre outras possibilidades nos contextos nacionais e internacionais (Sauvé, 2005). Por um lado, a educação ambiental é vinculada a um forte significado conservador e tecnicista voltado para a resolução de problemas pontuais e imediatos que culpabiliza os cidadãos pela desregulação ambiental, impondo ações fragmentadas e isoladas de preservação e reciclagem, efeito da lógica do "cada um deve fazer a sua parte" e, ainda, apoiando-se na lógica do "conhecer para amar, amar para preservar", orientada pela "conscientização ecológica" (Layrargues; Lima, 2011, p. 5-8). Um exemplo desta prática acontece quando a escola, através de discursos sobre educação ambiental, responsabiliza as crianças sobre o futuro da humanidade, como se apenas elas pudessem causar uma mudança significativa no modo de produção atual. Além de serem convocadas a "educar seus pais" para um mundo mais sustentável, são obrigadas a escutar frases que causam medo como "a água vai acabar", "não haverá árvores nas florestas", "não teremos onde morar". Frases essas que depositam a responsabilidade dos adultos e das instituições estatais e mercadológicas, nas crianças, por um futuro possível e viável (Mussolini, Siquelli, 2025).

Por outro lado, com uma visão de responsabilidade coletiva, a perspectiva crítica realiza um contraponto à vertente conservacionista, entendendo que:

> O predomínio de práticas educativas que investem em ações individuais e comportamentais no âmbito doméstico e privado, de forma a-histórica, apolítica, conteudística, instrumental e normativa não superam o paradigma hegemônico que tende a tratar o ser humano como um ente genérico e abstrato, reduzindo os humanos à condição de causadores e vítimas da crise ambiental, desconsiderando qualquer recorte social (Layrargues; Lima, 2011, p. 7).

Assim, a prática educativa crítica aponta para um lado diferente da prática educativa conservadora na medida em que se caracteriza e se desenvolve, englobando ao mesmo tempo, fenômenos que, a princípio não teriam conexão, como miséria e exclusão social com poluição, queimadas, alagamentos e outras degradações ambientais, conforme destaca Layrargues e Loureiro (2000).

A educação ambiental crítica entende que os fenômenos sociais, principalmente as desigualdades sociais, não estão desvinculados das mudanças ambientais que vêm se intensificando nestas primeiras três décadas do século XXI. As causas constituintes dos fenômenos ambientais têm origem nas relações sociais, nos modelos de sociedade e no desenvolvimento capitalista – "[...] a relação entre o ser humano e a natureza é mediada por relações socioculturais e de classes historicamente construídas" (Layrargues; Lima, 2011, p. 7). A OSC Pimp my Carroça (2025) reforça em suas postagens uma reflexão importante: "Não veja como sustentabilidade o que é sustento. Uma pessoa catadora precisa coletar 246 kg ou 18.464 latas de alumínio para conseguir ganhar um salário-mínimo", denunciando que, por trás da "sustentabilidade", existem pessoas trabalhando em situações insalubres e de alto risco de violência e contaminação. Sendo assim, a educação ambiental não pode ser reduzida a uma transmissão de conhecimentos sobre eventos climáticos isolados, sobre decorar nomes de biomas, sobre comemorar o dia do índio, "[..] como se o ser humano se situasse do outro lado, do lado oposto, apenas como observador e conservador dessa natureza aparentemente não conectada, não associada à sua natureza humana" (Tavares, 2009, p. 13). Também não pode ser responsabilidade exclusiva da escola como uma disciplina transversal a ser cumprida como parte do currículo, deve ser uma responsabilidade coletiva, da sociedade e do Estado, em vez da responsabilização individual e comportamental no âmbito privado.

Por meio dessas reflexões, perguntamo-nos: qual ética está ancorada em nosso relacionamento com a natureza se a estamos utilizando com a premissa de que seus recursos são infinitos? O homem se transformou quando transformou a natureza. Essa relação era intrínseca, recíproca e equilibrada até a chegada do capitalismo, que modificou essa conexão saudável para uma relação de consumo de produtos industrializados em uma escala de produção nunca antes vista, um desafio para a educação ambiental, que parece não conseguir tirar o ser humano da alienação das relações vazias e sem sentido e do distanciamento da natureza, onde mora sua essência.

Dentro dos princípios da sustentabilidade existe a premissa dos três "R": a reutilização, a redução e a reciclagem. Entretanto, a reciclagem tem recebido uma ênfase – da mídia, dos grandes conglomerados que a financiam e dos projetos escolares – muito maior do que a redução e a reutilização. A reutilização atualmente é vista como perda de tempo, já que temos sempre à nossa disposição produtos mais avançados, mais bonitos e mais tecnológicos – porém, para que essa quantidade imensa de novos produtos chegue às nossas mãos, trabalhadores são explorados no mundo inteiro. Para a sociedade capitalista, reutilizar e reduzir não gera lucro.

Assim, quanto mais o ser humano produz mercadoria, dinheiro e capital, menos tempo tem para si e para seus sonhos e mais miserável ele se torna. Tem sua condição de vida degradada, empobrecida, em um processo que podemos qualificar como de desumanização, o contrário do trabalho consciente e livre que funda o caráter genérico do homem: transformar a natureza em seu tempo e vontade, com finalidade e propósito.

## CONCLUSÃO

As categorias analisadas demonstraram uma forte ligação teórica e epistemológica entre educação ambiental, boniteza - união da ética e da estética - e catadores(as) de materiais recicláveis. A investigação das práxis educativa dos catadores e das catadoras justifica-se pela importância de desvelar quais são as estratégias éticas e estéticas utilizadas em seu fazer profissional, evidentes nas frases grafitadas em suas carroças, e na sua atuação educacional dentro e fora das escolas, como afirmação de uma pedagogia popular, libertária e decolonial. Investigar pelo olhar ético e estético a educação ambiental crítica realizada pelos catadores e pelas catadoras em suas intervenções educacionais e políticas é extremamente relevante, pois reforça sua direção ao pleno desenvolvimento humano, respeitando e reconhecendo os grupos socialmente

excluídos, os oprimidos e, com eles, reassumindo a luta por um projeto de sociedade mais justo e igualitário.

Inspiradas em Freire (1994), concluímos que, além do desejo, há também a esperança como ação ativa e consciente da luta coletiva, para que esses(as) trabalhadores(as) sejam ouvidos(as) e incluídos(as) nos diferentes espaços educacionais, nos projetos políticos pedagógicos de escolas e universidades, nos projetos das organizações sociais, nas conferências municipais e nos conselhos de direito, uma vez que praticam uma educação no interior do cotidiano em que se encontra o seu trabalho, com demarcações sociais, econômicas e políticas.

## REFERÊNCIAS


ARANTES, Bruno Otávio e BORGES, Lívia de Oliveira. Catadores de materiais recicláveis: cadeia produtiva e precariedade. **Arq. bras. psicol**. vol.65 no.3 Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672013000300002&script=sci_arttext Acesso em 12/06/2026.

ARAÚJO FREIRE, Ana Maria (org.). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

BARBOZA, Daiani. Cidades, territórios e a dimensão ético-afetiva das desigualdades sociais. *In*: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Maria Manuel (org.). **Espaço e tempo:** complexidades e desafios das análises espaciais. São Paulo: Editora UNESP, 2018. p. 129-143. Disponível em: https://repositorio.unesc.net/items/f477a0ab-db78-44e5-b91d-d05f83618488 Acesso em: 08/07/2025.

BARBOZA, Daiani; ZANELLA, Andrea Vieira. Relações estéticas dos catadores de material reciclável com a cidade: os passos da pesquisa. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 53-62, abr. 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100007 Acesso em: 08/07/2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Diário Oficial da União, Brasília, 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm Acesso em: 25/06/2025.

CABRAL, Fabíola Barroso. **A boniteza em Paulo Freire e o ensino de filosofia com crianças e adolescentes em escola pública.** 2022. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2022. Disponível em: https://propesp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/2024/01/Fabiola-Barroso-Cabral.pdf Acesso em: 22 maio 2025.

CABRAL, Sueli Maria. **Trabalhadores do lixo:** o relato de uma pedagogia da desordem. 2001. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

CANABARRO, Cauê Lima; de OLIVEIRA, Caroline Terra, & da SILVA, Maria de Fátima Santos (2014) Aproximações entre Paulo Freire e Educação Ambiental Emancipatória: uma análise partindo da ética, da estética, da política e da epistemologia. **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental, 23.** https://doi.org/10.14295/remea.v23i0.4567 Acesso em: 23/05/2025

CASTRO, Júlia Kilame Gama. **A Práxis Político-Pedagógica do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis - MNCR. 2017.** 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/29196 Acesso em: 22/05/2025

COELHO, Alexa Pupiara Flores; BECK, Carmem Lúcia Colomé; FERNANDES, Marcelo Nunes da Silva; MACHADO, Katiusci Lehnhard; CAMPONOGARA, Silviamar. Mulher-guerreira, mulher-homem: reconhecimento do trabalho e seus sentidos na percepção de mulheres recicladoras. **Texto & Contexto – Enfermagem**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 9, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/Z5JrGHb5Gg7893YPjZvbgcT/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 12 mar. 2025.

COELHO, Alexa Pupiara Flores; BECK, Carmem Lúcia Colomé; FERNANDES, Marcelo Nunes da Silva; PRESTES, Francine Cassol; SILVA, Rosângela Marion da. Risco de adoecimento relacionado ao trabalho e estratégias defensivas de mulheres catadoras de materiais recicláveis. **Esc. Anna Nery**, Santa Maria, v. 20, n. 3, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ean/a/JxFzGBWRZdM73dSkJwnKtYq/abstract/?lang=pt Acesso em: 13 mar. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz & Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Paz & Terra, 15° ed. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 46° ed. 2013.

FERREIRA, Luciana Haddad. Educação estética e prática docente: exercício de sensibilidade e formação / Luciana Haddad Ferreira. – Campinas, SP: [s.n.], 2014.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval. Pol. Pública. Educ.** v. 14, n. 50. Mar/

2006. Disponível em:
https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?lang=pt
Acesso em: 12/05/2025

HOYUELOS, Alfredo. **A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi.** Tradução de Bruna Heringer de Souza Villar. São Paulo: Phorte, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. Os que sobrevivem do lixo. **Revista Desafios do Desenvolvimento**, Brasília, ano 10, ed. 77, p. 4, 2013. Disponível em:
https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2941:catid=28&Itemid=23 Acesso em: 2 ago. 2024.

JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura. C. M. **Mais que sobras e sobrantes:** trajetórias de sujeitos no lixo**.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAYRARGUES, Philippe e LIMA, Gustavo. **Mapeando as Macro-tendências Político-pedagógicas da Educação Ambiental contemporânea no Brasil.** VI Encontro "Pesquisa em Educação Ambiental" A Pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil Ribeirão Preto, setembro de 2011. Disponível em:
file:///C:/Users/ccmus/Downloads/Layrargues_e_Lima_-_Mapeando_as_macro-tend%C3%AAncias_da_EA.pdf
Acesso em: 19/05/2025

LAYRARGUES, Philippe; LOUREIRO, Carlos F. Educação ambiental nos anos 90, mudou, mas nem tanto. *In*: **Políticas Ambientais**. v. 9, n.25. Rio de Janeiro, 2000.

MARIN, Andréia Aparecida. A Educação Ambiental nos caminhos da sensibilidade estética**. Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 31, n. 2, p. 277-290, 2007. DOI:
https://doi.org/10.5216/ia.v31i2.1260 Acesso em: 17/05/2025

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; SENNA, Gustavo. A política e a estética em Lixo Extraordinário: dano, dissenso e desidentificação. **Revista Novos Olhares**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 6-17, 2013. DOI:
https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2013.69823 Disponível em:
https://revistas.usp.br/novosolhares/pt_BR/article/view/69823 Acesso: 25/04/2025

MARX, Karl. **O capital - Crítica da economia política**. Livro 1 - O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2023.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento e questões do campo científico. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 101-116, jan./abr. 2015. DOI:
https://doi.org/10.5902/1984644415822 Acesso em: 25/04/2025

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES E MATERIAIS RECICLÁVEIS – MNCR. **Mulheres são maioria entre catadores de materiais recicláveis.** 21 mar.

2014. Disponível em: https://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas Acesso em:13/03/2025

MUSSOLINI, Claudia Cristina; SIQUELLI, Sônia Aparecida. (2025). Educação Ambiental: a estética na ética do trabalho de catadores e catadoras de materiais recicláveis na cidade de São Paulo. **Horizontes**, *43*(1), e023179. DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v43i1.1977 .Acesso em 12/11/2025.

OLIVEIRA, Nívea Gomes Nascimento de. **Geração de resíduos sólidos urbanos e ações de educação ambiental e responsabilidade ética:** Floriano-PI. 2021. 364 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/25067/1/geracaoresiduossolidosfloriano.pdf Acesso em: 4 out. 2025.

PANSERA DE ARAÚJO, Maria Cristina. As múltiplas abordagens da Educação Ambiental. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, v. 30, n. 97, p. 1-2, 2015. Disponível em:https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/6015/4966 Acesso em: 14 set. 2025.

PIMP MY CARROÇA. 2025. Disponível em: https://pimpmycarroca.com/?gad_source=1&gad_campaignid=21648265127&gbraid=0AAAAAC9QeP3KctRnoR4cPKzfK9px3GKOj&gclid=Cj0KCQjw3OjGBhDYARIsADd-uX4hOKbRhQjD9nghXCfzMjtqWbfbW4wFhHVznqHe527toD-iFOxCIDoaAk85EALw_wcB Acesso em: 12 set. 2025.

ROMÃO, Eliana. A educação do educador na sociedade maquínica: a ética e a estética da docência e do desejo de docender. **Filosofia e Educação**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 58-89, 2018. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8651999 Acesso em: 4 out. 2025.

SATO, Michèle. **Educação para o Ambiente Amazônico.** 1997. 239 f. Tese (Doutorado em Ciências - Ecologia e Recursos Naturais) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/353718425/tese-doutorado-michele-sato-pdf Acesso em: 26 out. 2025.

SATO, Michèle. Debatendo desafios da educação ambiental. *In*: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRÓ MAR DE DENTRO, 1., 2001, Rio Grande. **Anais [...]**. São Paulo: P@rtes, 2001. Disponível em: https://www.partes.com.br/2001/11/24/debatendo-os-desafios-da-educacao-ambiental-2/ Acesso em: 3 out. 2025.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michele, CARVALHO, Isabel. (Orgs.). **Educação Ambiental:** pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed. 2005, p. 17-44.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Rafael Cardoso; MARCOMIN, Fátima Elisabeth. Desvelamento da percepção dos catadores de material reciclável: possibilidades à resistência**. Ensino, Saúde e Ambiente**, [*S. l.*], n. esp., p. 310-330, jun. 2020. DOI: https://doi.org/10.22409/resa2020.v0i0.a40189 Acesso em: 26/06/2025.

TAVARES, Claudia Moraes Silveira. **A estética na (re)significação de valores éticos do(a) educador(a) ambiental.** 2009. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009. Disponível em: https://www.livrosgratis.com.br/download_livro_79238/a_estetica_na_resignificacao_de_valores_eticos_doa_educadora_ambiental#google_vignette Acesso em: 4 out. 2025.

TAVARES, Claudia Moraes Silveira; BRANDÃO, Claudia Mariza Mattos; SCHMIDT, Elisabeth Brandão. Estética e Educação Ambiental no Paradigma da Complexidade. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 4, n. 1, p. 177-193, 2009. DOI: https://doi.org/10.18675/2177-580X.vol4.n1.p177-193 Acesso em: 25/05/2025.